

Porcelana do XVI seculo. — Gravura de Coelho.

M. Minutoli patenteou ao publico em Lugnitz (Silesia), no dia 17 de junho ultimo, a sua collecção de exemplares-modelos, exposição que tem excitado em todos os visitantes o mais vivo interesse, tanto pelo numero e escolha dos objectos dispostos com o maior gosto e circumspecção, como pelo seu grande valor artistico.

A significação d'esta collecção é de grande e de geral acceitação, já em relação á historia das artes e da industria, já a respeito do seu fim especial de proporcionar modelos aos artistas e industriaes. Uma tal exposição póde affoutamente reputar-se acontecimento de grande importancia, e larga influencia artistica e industrial.

Do grande numero dos objectos expostos escolhemos para amostra o que agora damos, auxiliados por uma reproducção photographica. Não sabemos o que representa, mas conhecemos que deve ser obra da segunda metade do seculo XVI. Inda que não é do estilo mais puro, vê-se bem que é obra distincta, em *biscuit*, da fabrica de porcelana de Meissen (Saxonia).

Desde 1847 que o rei da Prussia concedeu ao proprietario da collecção grande parte do palacio para collocar o seu thesouro. Agora, para a exposição de todas as secções da collecção, foi-lhe concedida a maior parte das grandiosas salas de que se compõe o aposento real.

Todo o comprimento das paredes, guarnecidas com os objectos expostos, mede 1,570 pés. A superficie quadrada d'essas paredes é de 23,000 pés, o que não é para admirar, considerando-se que só objectos de vidro ha alli mais de 20,000, e que as outras industrias, como a da porcelana, a do *biscuit*, a da olaria, não estão nem menos nem peior representadas.

H.

AÇORES.

ILHA DE S. MIGUEL.

Acabâmos de ver o curioso *Relatorio da commissão de inquerito sobre a producção e consumo do milho na ilha de S. Miguel em* 1856, — commissão nomeada pela benemerita, infatigavel, e mais antiga associação agricola portugueza, a sociedade promotora da agricultura michaelense, de que tem sempre sido alma o seu illustradissimo secretario o sr. José do Canto, cavalheiro distincto pelo nascimento, pela grande fortuna, e, o que é mais raro, por mil titulos gloriosos adquiridos na cultura das letras e das sciencias. Segundo nos informam, foi elle que dirigiu o inquerito e escreveu o relatorio. É um trabalho curioso, copioso em observações e dados estatisticos. Que vergonha para o continente, em que é sem precedente, e talvez seja por muito tempo sem egual, trabalho feito em tal altura de sciencia, e minuden-

cia de indagação! D'elle extrahiremos alguns recentes dados.

O districto oriental dos Açores, que comprehende as duas ilhas de S. Miguel e de Santa Maria, contém uma população de 24.727 fogos, 105.308 almas, população em que a da ultima ilha está para a da primeira na razão de 5,61:94,39. A despeito da espantosa emigração, que d'este districto tem ido annualmente para o Brasil, a sua população, que em 1840 era de 86.674 habitantes, cresceu em 15 annos 21,5 por cento, levando assim vantagem até á propria Belgica, que nas estatisticas européas apparece na primeira plana do augmento da população. Accresce a isto que, se o crescimento d'ella n'aquelle districto, e sobre tudo na ilha de S. Miguel, é rapido, a sua intensidade sobre a superficie não é menor.

A superficie de S. Miguel calcula-se aproximadamente em 1.252 kilometros quadrados, e a de Santa Maria em 121. Total 1.373 kilometros. Assim a população especifica, que cabe a cada kilometro quadrado, é de 76,7 habitantes, quando em França é apenas de 67,4, e até em 50 dos seus 86 departamentos não chega a essa cifra.

Só de milho, a menor producção do districto, em annos ordinarios, é de 3.514.209 alqueires, que computados pelo menos a 300 réis cada um, representam um valor de mais de 1.054 contos de réis, de que ordinariamente se exporta uma septima parte.

O consumo que as pessoas fazem d'aquelle cereal avalia-se em 2.361.003 alqueires: o dos animaes (24.265 porcos, 12.240 cavalgaduras maiores e menores, e 72.576 aves) em 564.105: o das sementes em 58.881. Total do consumo 2 983.989 alqueires.

Toda a mais sobra se exporta, e tem havido annos em que *só d'este genero* tem saído da ilha de S. Miguel mais de 600.000 alqueires.

E já que aqui tocámos no ponto da população, faremos ainda sobre elle e outros correlativos algumas considerações historico-estatisticas, que sirvam a comprovar que a ilha de S. Miguel está ainda mui longe de ter attingido ao maximo grão do seu desenvolvimento, e que é susceptivel, e tem na natureza do seu solo, nos costumes dos seus habitantes, e na vantagem da sua posição geographica, elementos para um progresso rapido e indefinido.

As vantagens naturaes da posição d'aquella ilha, em que principalmente estão as razões da sua prosperidade sempre crescente, são bem conhecidas no mundo commercial. A situação geographica em que a ilha está, bem como o grupo das dos Açores, de que é a principal, fazem d'ella e de todo o archipelago um como ponto intermedio em meio do Atlantico, onde se abraçam as navegações do velho e novo mundo, cujas cadeias a ilha de S. Miguel, como élo, deve um dia ligar. Um porto franco alli, com a segurança que á navegação offerecerá um abrigo de primeira ordem, como o que agora se projecta, convidará pela maior expedição e economia o commercio d'ambos os mundos a fazer d'aquella ilha emporio das permutações entre a Europa e a America.

A bondade do clima e as boas condições do solo michaelense são novos elementos da sua prosperidade. A respeito do primeiro é aqui auctoridade de grande pêso a opinião de mr. Carew Hunt, formulada depois de dez annos de constantes e nunca interrompidas observações meteorologicas. São d'elle as seguintes palavras:

«Situado (o archipelago dos Açores) quasi no meio da zona temperada, goza de uma temperatura branda e pouco variada; sendo por isso, e por sua humidade atmospherica, sobremaneira favoravel á saude das plantas e dos animaes.

«Em regra, um clima d'estas condições ha de ser naturalmente favoravel á saude, assim como á agricultura. Correntes continuadas de ventos variaveis e de força moderada; uma pressão borometrica relativamente grande; uma temperatura branda e egual; abundancia, em fim, de saturação atmospherica, limitam o numero das molestias que affligem o corpo, e offerecem opportunidades para o cultivo da terra, e multiplicação das colheitas annuaes; admiraveis beneficios estes da próvida natureza, escassamente concedidos a outros paizes!» *(Observações sobre o clima dos Açores,* por mr. Carew Hunt, no *Almanak rural dos Açores para o anno de* 1851, p. 169 e 173).

Tambem a viciosa constituição da propriedade territorial, algemada pela instituição vincular, não tem favorecido o desenvolvimento da cultura na razão em que elle o podia ser, se a propriedade fosse livre e allodial, como sem duvida o será dentro em pouco, quando o espirito publico já faz pesar sobre os morgados mil maldições economicas, e os corpos colegislativos de Portugal não podem por muito tempo ser surdos á sensata e geral reclamação da abolição. Esta tão prestante reforma facilitará a extensão da agricultura michaelense a uma nova área aproveitavel, seguramente um terço ou um quarto da superficie total da ilha de S. Miguel, isto é, 6 legoas quadradas de terreno; com o que, e com o melhoramento dos processos agricolas, se póde com o maior fundamento calcular que a producção no futuro duplicará o que agora é.

A historia do progresso da população e do commercio da ilha de S. Miguel auctorisa similhantes conclusões; e as crises que de longe tem ameaçado a riqueza da ilha não tem sido senão outras tantas occasiões para que alli se renoce e alargue mais a esphera do trabalho e da producção.

Os documentos que se conservam do augmento da população da ilha são deficientes e incompletos; mas assim mesmo bastam a comprovar a lei do seu espantoso crescimento, lei sem egual em nenhum dos estados europeus, como bem o deixa ver mr. Porter na sua obra sobre a estatistica da Inglaterra (*The Progress of the nation*, ed. de 1851), onde aos nascimentos nos Açores assigna, e com fundamento, a proporção de 1:19, a mais favoravel de todas as proporções européas; e aos obitos a de 1:48, tambem a mais favoravel de todas as d'esses estados, se exceptuâmos a Norwega, cuja mortalidade apparece na proporção de 1:54.

A seguinte serie de indicações fará conhecer a tendencia que a população da ilha de S. Miguel tem mostrado a desenvolver-se.

1580	(Epocha em que o doutor Gaspar Fructuoso escrevia o seu livro VI das *Saudades da Terra*) tinha S. Miguel (maiores de sete annos) almas.	19.900
1600	(Estimativas de mr. Carew Hunt, no seu trabalho sobre o *Progresso commercial de S. Miguel*, a p. 148 do *Almanak Rural dos Açores para* 1853)	25.000
1650	(Ibidem)	35.000
1700	(Ibidem)	45.000
1717	(Francisco Affonso de Chaves e Mello — *Margarita Animada* p. 269)	53.000
1723	(Manuscripto inedito)	55.550
1800	(Francisco Borges da Silva — *Estatistica da ilha de S. Miguel*)	57.161
1806	(Mr. Harding Read — *Mappa da população da ilha de S. Miguel em o 1.º de janeiro de* 1807)	61 245
1815	(Francisco Borges da Silva — *Ibidem*)	62.353
1821	(Antonio Homem da Costa Noronha — *Estatistica da população da ilha de S. Miguel em* 1821)	64.803

N'outra parte (*Revista dos Açores* t. I, p. 120) da-lhe 65. 321 almas.
1832 (Visconde de Sá da Bandeira—*Folhinha da Terceira para o anno* 1832, p. 71)..................................¿ 98.000
1839 (Caetano Alberto Maia—*Estatistica do districto oriental dos Açores*).......... 81.913
1849 (Mappas estatisticos addicionaes ao *Almanak rural dos Açores para o anno de* 1851.—Mappa do *movimento da população* no districto oriental)............ 91.683
1855 (*Relatorio da commissão de inquerito sobre a producção e consumo do milho na ilha de S. Miguel*, p. 20).............. 99.394

Uma terra que, começada a povoar depois de 1449, seculo e meio mais tarde (em 1600) tem 25.000 almas; que no 3.° seculo augmenta na razão de 80 por cento (1700—45.000 habitantes); e no decurso de mais seculo e meio 104 por cento (1850—92.000 habitantes) sem auxilio de importações estranhas, e ainda muito contrariada e desfalcada por grandes emigrações, principalmente nos ultimos vinte annos, para a America, central e meridional;—uma terra assim, dizemos—terra com similhante força creadora bem deixa ver quão admiravel potencia expansiva não tem, e que recursos a sua população sempre crescente não acha, para alimentar-se, nos productos do solo.

Terra similhante é terra admiravelmente abençoada, e como unica no mundo, pelas suas condições naturaes. Á força d'ellas quasi que exclusivamente deve tudo, e o muito que já é. Que não seria, se fosse auxiliada com instituições economicas adequadas, e se na mais importante parte da legislação do paiz se operassem as reformas radicaes que tanto se almejam!

REI OU IMPOSTOR?

Chronica portugueza.

X.

Combinados, frei Miguel dos Santos e Gabriel de Espinosa, no dia em que o segundo iria ver D. Anna d'Austria, foi esta avisada d'isso pelo seu confessor, e esperou no locutorio, onde não haveria mais testimunhas que o religioso, a visita do seu real primo.

Á hora aprasada apresentou-se o pasteleiro em traje commum, apparentando na sua descompostura e modo d'andar um grande desalinho e rusticidade affectada. Mal que foi chegado ao locutorio, poz-se diante das grades de joelhos. Com a cabeça descoberta, e voz não pouco desentoada disse:

—Senhora, aqui estou: que tem sua excellencia que ordenar-me?

—Levante-se, irmão (disse a monja sorrindo), e ouvirá.

—Estou bem (respondeu elle), porque de tão baixa a tão alta pessoa não se dão praticas d'outro modo.

—Pois já que me reconheceis superioridade, mando que vos levanteis.

—Obedeço (disse Gabriel levantando-se, fingindo não se atrever a fixar olhos na religiosa, e dando entre as mãos tratos ao desditoso gorro).

—Dizei-me (continuou D. Anna), sois vós Gabriel d'Espinosa, o pasteleiro que ainda ha pouco se estabeleceu n'esta villa?

—Eu mesmo, sim, senhora, para obedecer a sua excellencia.

—Pois sejaes bem vindo! Tenho mui boas informações vossas; sei que sois pessoa mui entendida, e que do que menos sabeis é do officio que agora tendes. Bem desejava dar-vos outro encargo.

—Encargos, senhora? Tenho fracos hombros para elles. O para que não nasci, foi para ganha-pão.

A religiosa não pôde conter o riso, vendo que fingia tão bem, e disse-lhe:

—Socegae, que não quero carregar-vos, senão alliviar-vos, isto é, proporcionar-vos occupação mais lucrativa, decorosa e descançada, e quizera que fosse n'esta villa, porque desejava ter-vos perto de mim.

—Bejo as mãos a sua excellencia (respondeu Espinosa), porém com os meus pasteis.....

—Vossos pasteis já eu os descobri! Deixae-vos de fingimentos: occupae o logar que vos pertence, e permitti que desafogue meu coração. E como pôde o vosso, por onde circula um mesmo sangue, soffrer estar tanto tempo em Madrigal, sem que o eu soubesse, confiando-vos mais d'outros que de mim?

A este tempo uma transformação notavel se operou em Espinosa. Tomando ar de importancia e gravidade pouco commum, cobriu-se, e sentando-se lhe respondeu:

—Em verdade, prima, que tendes justos motivos de queixa; mas ha objectos de tal importancia, que a si mesmo teme o que se ha de revelar, e toda a precaução lhe parece pouca.

—E quem, rei e senhor meu (accrescentou D. Anna com os olhos arrazados de lagrimas) quem havia de guardar-vos melhor segredo que eu, que estou disposta a dar por vós até a vida?

—Creio-o firmemente; mas, se me tivesse manifestado desde logo, talvez fosse isso um mal; porque, depois de haver-me declarado, como teria resistido ao desejo de ver-vos, e communicar-vos minhas penas? E quanto não haverieis padecido, se as circunstancias me fossem desfavoraveis, e me obrigassem a separar-me, para tornar a correr terras estranhas, e a sulcar dilatados mares!

—Não queira o ceo que vos veja partir de Madrigal, senão para logo subirdes ao throno! Mas não pensemos n'isso, que só essa idéa me retalha o coração. Como já acabou a ficção, e appareceu a realidade, fallemos do que tanto me interessa, de vós e de todos os vossos trabalhos, desgostos e viagens, e tambem de quando ha de acabar este incognito, que tanto vos faz soffrer. Graças ao ceo, que d'ora avante já tereis que soffrer menos. A vossa mantença corre por minha conta. Procurarei que n'ella se não deixe ver a minha pobreza.

Tal offerta não era para desgostar o pasteleiro. Acceitou-a sem rebuço, e engrandeceu a generosidade. Continuou a prática sobre passos da sua vida, de que sabia que D. Anna estava instruida por frei Miguel. Fazia toda aquella relação com tanta magestade e grandeza, com tanta naturalidade e graça, que, se a ingenua senhora tivera algum genero de duvida, esta primeira entrevista lh'a dissipára de todo, tal era a propriedade com que o pasteleiro representava o papel de rei! Por sua vontade nunca quizera D. Anna separar-se do que cria seu primo. Não se cançava de fazer-lhe perguntas, e ouvir-lhe contar estranhas aventuras. Frei Miguel, porém, que era o motor principal d'aquella machina, lhes fez sentir a necessidade de se separarem, e separaram-se, não sem lagrimas da parte da joven religiosa, com mil protestos de mutuo amor, e promessas da parte d'elrei, de que todos os dias viria vêl-a, e até jantaria no mosteiro, para ter o prazer de gozar da amavel conversação e brindes de sua prima.

XI.

D. Anna d'Austria, frei Miguel dos Santos, e Gabriel de Espinosa, todos se retiraram satisfeitos da primeira entrevista. O frade comprazia-se do acerto da escolha. Não podia ser melhor para o intento um

homem que ostentava tamanho sangue frio, e fingia tão astuciosamente.

A candura e credulidade de D. Anna tinham enamorado Espinosa. Para todo o trance via n'ella uma amiga de grande influencia. A sua causa esposada por uma sobrinha de Filippe II promettia alguma cousa.

A monja não cabia em si de contente, crendo ter a dita de favorecer um rei errante e incognito, a quem estreito parentesco a prendia.

Todos procuravam tirar d'isto consequencias favoraveis. O frade e o pasteleiro andavam n'uma continua conferencia para avançar no seu plano. D. Anna meditava nos meios de favorecer e obsequiar o rei encoberto, e para o conseguir melhor trazia ao segredo duas religiosas suas amigas, que a auxiliassem na disposição do que fosse necessario para brindar o primo improvisado, a fim de ficar mais desembaraçada e entregar-se toda ás práticas intimas.

Desde a primeira entrevista tudo no locutorio foi franqueza e amizade. Espinosa e o frade acudiam alli todas as manhãs. Conversavam largamente com a monja, jantavam juntos, e a communidade o tolerava em obsequio á alta cathegoria de D. Anna. A conversação de cada dia offerecia novos incidentes, que mais radicavam na illusão a pobre religiosa. As outras duas amigas tinham-se por mui ditosas, se n'algum momento era admittidas á conversação do rei, ou lhe serviam á mesa! Alli se tomavam disposições para a futura administração do reino; alli se determinava a epocha da apparição real; alli se saboreava com a mais lisongeira esperança o porvir venturoso que a todos esperava!

Frei Miguel, entretanto, temia não ter garantia de que o pasteleiro persistisse na empreza. Tratou de compromettel-o mais, dando-lhe ao mesmo tempo prova segura de que não fazia castellos no ar, e de que n'aquelle negocio figuravam outras pessoas de valia. Avisou D. Antonio, prior do Crato, do estado em que tinha o negocio. D. Antonio louvou-o e ajudou-o. Continuando a ser infeliz como pretendente, e com um partido tão desfallecido pelos revezes, aprazia-lhe tudo quanto fosse suscitar desassocego ao seu feliz competidor, Filippe II, perturbando-lhe a posse pacifica em que desfructava Portugal.

Postos d'accordo frei Miguel e D. Antonio, mandou este clandestinamente de França a Madrigal quatro dos seus cavalleiros portuguezes. Chegaram de noite á villa, e foram em direitura a frei Miguel, que os instruiu no modo como deviam visitar o pasteleiro. Para completarem melhor o disfarce, tornaram os emissarios a sair da villa, e já sol fóra entraram de novo n'ella, dirigindo-se logo a casa do pasteleiro, que os recebeu cortezmente. Os desconhecidos indicaram que lhe queriam fallar sem testimunhas. Espinosa abriu-lhes passagem para um quarto interior, ordenando á ama que tivesse prompta aos hospedes alguma refeição. Quando foram a sós, os desconhecidos prostraram-se a um tempo por terra, e, de joelhos, beijando affectuosamente a mão ao pasteleiro, exclamaram, como transportados de alegria:

— Bom rei e senhor! Quem pensaria achar-vos com este traje e estado! Vós tão abatido, e o vosso povo victima d'uma dominação estrangeira! Ah! se os portuguezes....

— Levantae-vos (lhes disse o pasteleiro interrompendo-os), sentae-vos, e tende a bondade de dizer quem sois.

— Senhor (tornou um dos emissarios, depois de terem cumprido a determinação d'Espinosa), aos ouvidos d'alguns portuguezes leaes chegou a noticia de que vossa magestade era vivo, e se achava incognito n'esta obscura villa de Castella. Este rumor tem corrido por vezes, mas tem sido sempre suffocado. Agora, porém, que tivemos a tal respeito noticias auctorisadas, viemos, em nome da nobreza do reino, reconhecer-vos, e depor aos vossos reaes pés nossas vidas e fazendas.

— E crêdes (lhes disse Espinosa com tom magestoso e resoluto) que o povo portuguez me receberá com gosto?

—Senhor, o povo chora em silencio a vossa desgraça, e bemdiz a vossa memoria, porque ignora que viveis. O jugo castelhano soffre-o violentado. No momento em que saiba que estaes vivo, ha de sacudil-o com valor, e fazel-o pedaços.

— E eu o ajudarei e procurarei fazel-o feliz (disse o pasteleiro). Mas antes de tudo é necessario preparar bem as cousas, para que, chegado o momento de apresentar-me, se unam todos a mim.

— Agora que tivemos a dita de beijar as reaes mãos de vossa magestade, e o prazer de fallar-lhe e vêl-o, ninguem duvidará da nossa fé, que tal foi o objecto da nossa vinda a Hespanha atravez do perigo de sermos descobertos no motivo occulto da nossa jornada. A nossa volta a noticia de que ainda viveis correrá com a velocidade do vento, d'um a outro extremo de Portugal. Dentro em pouco bastará que vos apresenteis para occupardes o throno que vos pertence.

— E crêde-me que não é pelo esplendor d'esse throno, mas pela felicidade de meus vassallos, que desejo occupal-o de novo (disse Espinosa).

— Oh! rei generoso e magnanimo! (exclamaram a um tempo os emissarios secretos de frei Miguel dos Santos).

E assim exclamando, fingindo derramar lagrimas de ternura, e mover-se para se prostarem e lhe beijarem os pés, o pasteleiro os deteve e impediu. Depois d'isto fallaram largamente sobre os meios e effeitos da reapparição do rei em Portugal; sobre o estado do reino; sobre tudo quanto podia contribuir ao bom exito da empreza. Concluida a conferencia tornaram a renovar-se lagrimas e protestos, e se despediram, beijando os cavalleiros humilde e respeitosamente a mão d'el-rei, que lhes offereceu uma refeição (que com muito tento se escusaram d'acceitar), e muitas mercês no seu futuro reinado.

Contentissimos ficaram uns e outro do seu dialogo, porque todos criam ter conseguido enganar completamente o seu interlocutor. Os portuguezes, depois de communicarem com frei Miguel, sairam de Madrigal, e o pasteleiro ficou entregue a sérias meditações.

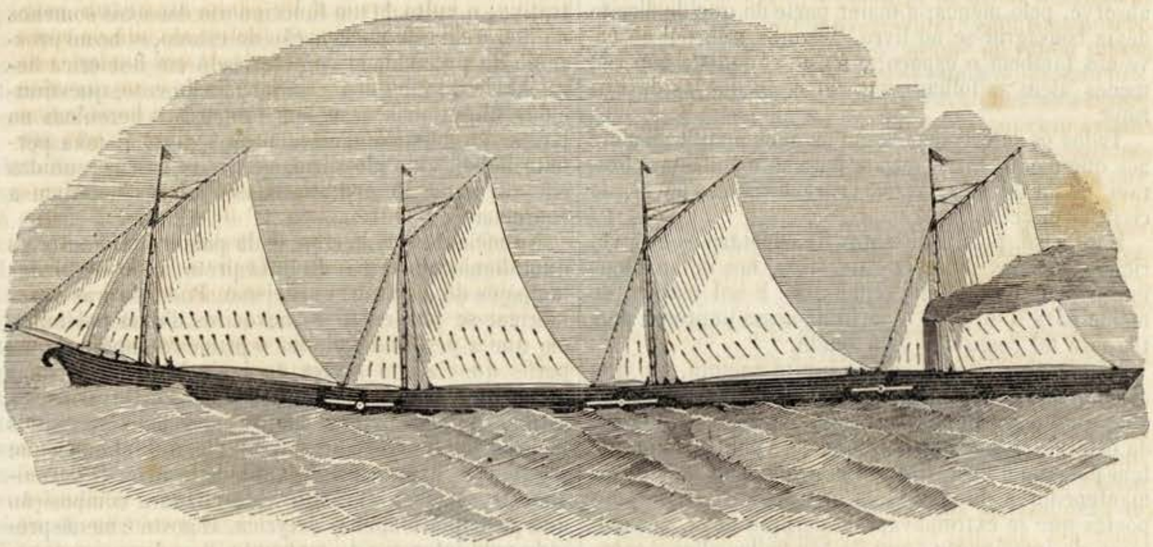
— Não: (dizia elle comsigo) isto é mais serio do que eu pensei a principio. Até agora não acreditava que houvesse n'este enredo mais que um frade d'ousadia sem egual, e uma monja candida como uma criança de tres annos. Agora vejo que a nobreza de Portugal entra n'isto, e a minha similhança com D. Sebastião deve ser tal, que indubitavelmente me tomem por elle. Os que acabam de sair deviam conhecer bem o rei portuguez. Elles que não vacillaram um momento, que não puderam conter a emoção, as lagrimas, confirmam-me na idéa de que me tem pelo mesmo. Pois se isto succedeu a homens enviados de proposito para reconhecerem se eu era o proprio rei, é claro que o povo, entre quem haverá muitos milhares que jámais o vissem, me reconhecerá tambem. A empreza não é tão infundada como julguei. E já agora necessario decidir-me inteiramente a logral-a.

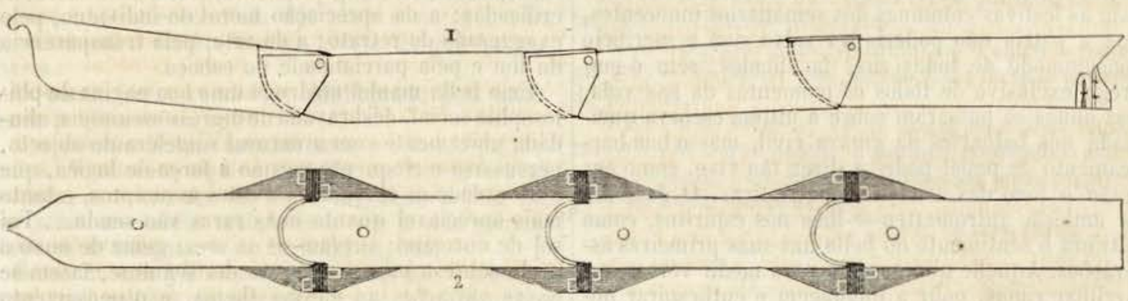
A visita dos portuguezes e estas reflexões entretiveram o pasteleiro mais de que o costumado, e já D. Anna o esperava com impaciencia, ainda que frei Miguel tivesse procurado tranquillisal-a. Mal que Espinosa chegou ao locutorio começou a monja a queixar-se da tardança; mas elle lhes contou o succedido,

que não causou pouca sensação a D. Anna, nem pouca alegria a frei Miguel, que via que as suas disposições produziam o effeito desejado. A visita foi larga e animada. Todos manifestavam no semblante a satisfação que interiormente lhes reinava. E assim passou aquelle dia de romanticas esperanças!

NAVIO A VAPOR, COMPOSTO OU DE JUNTAS.

Ha muito pouco tempo appareceu nas docas da India oriental uma embarcação de um genero inteiramente novo. É de ferro, construida em repartimentos ou secções com a notavel particularidade de que cada uma secção, em vez de formar parte de um navio ordinario, inteiriço e indivisivel como o *Great-Eastern*, é um baixel distincto, completo de per si, e connexo com as outras secções por uma junta movel, de extrema simplicidade e immensa fortaleza. As juntas são fabricadas de maneira que dando á immediata extremidade de cada secção uma fórma concava, lhe proporciona comprehender e embeber a proa, de feitio convexo, da secção adjacente. Pelas partes assim conjunctas, de ambos os bordos da embarcação correm ferrolhos maciços de ferro firmemente seguros no casco de uma e outra banda. Estes ferrolhos, que constituem os fulcros ou centros das juntas, prendem com poderosas alavancas debaixo da coberta, mediante as quaes podem ser puxados para dentro para desunir, ou impellidos para fóra a fim de ajuntar as sobreditas secções. O baixel é de facto uma reunião de navios, apto a tomar inclinação com suas juntas tanto para cima como para baixo, inteiramente apropriado ao empolar e decahir das ondas, e provido de fortes tirantes para n'um instante se desligarem uma ou mais das suas secções conforme for preciso.





Por este novo systema de construcção naval obtem-se os seguintes resultados: — podem empregar-se navios que demandem muito pouco fundo e de um comprimento muito maior do que até agora, sem perigo de alquebrar e outros, permittindo as juntas obviar a quaesquer inconvenientes; a grande extensão, e a circunstancia de requerer pouca agua, com outras que concorrem, proporcionam uma velocidade que não tem precedentes; e a facilidade de desligar ou desmembrar parte do navio no caso de abalroação, incendio, agua aberta, ou de encalhar, fornece o meio de salvar vidas, e parte do carvão e carga, que de outro modo tudo se perderia. Consegue-se tambem grande economia de tempo e despeza em a navegação a vapor; uma secção leva a machina e a equipagem, as outras são destinadas á carga. Á chegada ao porto do seu destino desmembra-se immediatamente a secção da machina e tripulação, e é transferida para outro navio do mesmo systema composto e de egual capacidade, e logo despachado, sem incorrer na demora de embarcar uma carregação e tomar outra.

As secções d'estes navios reunidos ou compostos podem carregar em portos interiores, seguindo separadamente pelo canal ou rio até o mais proximo ancoradoiro, juntas com a secção da machina, e assim tomarem directamente as cargas, evitando as delongas e gastos de baldeações.

A nossa gravura mostra uma embarcação de transporte de carvão de pedra, com os cortes lateraes do jogo das peças das juntas no casco, a qual é empre-

gada n'aquelle commercio pela companhia de similhante navegação, de Rood-lane: as secções da carga, sendo separadas da que traz a machina, trabalham como barcos de descarga levando directamente a todos os armazens, docas, canaes e angras de ambas as margens do Tamisa, evitando as despezas de successivas baldeações e a perda na quebra do carvão com esses movimentos.

M.

ESTUDOS LITTERARIOS.

A IMPRENSA POLITICA E A IMPRENSA LITTERARIA.

N'estes tempos que vão correndo, o jornal usurpou ao livro o maior de todos os valores, na phrase ingleza e já hoje cosmopolita.

E não nos seja levado em conta de paradoxo, que o jornal absorve o tempo, cremos firmemente que absorve, pelo menos, a maior parte do que de direito devia consagrar-se ao livro. Amanhã o jornal absorve-nos tambem o espaço, e n'esta conquista não vão menos além as folhas americanas do que as da Europa.

Todos os interesses, desde os mais justificados até aos que menos razão teriam para se manifestar, fizeram, do jornal uma das mais caracteristicas feições da civilisação actual.

É preciso, pois, que antes de encetarmos esta serie de revistas artistico-litterarias, nos detanhamos um pouco para photographar, se o sol estiver de molde para o intento, o perfil da nossa imprensa portugueza tal como ella está sendo.

Houve uma epocha, e não muito remota, em que a maior parte das nossas melhores pennas se aparavam quotidianamente para os phantasticos arabescos da litteratura amena. As commoções politicas por que tem passado o paiz, fizeram crer aos mais temerarios mantenedores do campo da critica, aos suavissimos poetas que se extremavam da geração nova, aos cultores da imaginação, que de tão bellas alfaias ornavam as festivas columnas dos semanarios innocentes, que a patria não poderia ser salva sem o sacrificio consummado de todas suas faculdades, sem o emprego exclusivo de todos os momentos da sua vida. Dez annos se passaram sobre a ultima escorva queimada nos baluartes da guerra civil, mas o bombardeamento de papel póde-se dizer tão vivo, como era então o fogo das avançadas patrioticas. O demonio da ambição intrometteu-se-lhes nos espiritos, como outr'ora o sentimento do bello nas suas primeiras aspirações. Aquelle que nascêra para medir versos, esmerilhar rimas, polir a linguagem e enthesoirar novas opulencias para o commum patrimonio das letras patrias, contou eleitores, azedou phrases, retorceu o pensamento em caprichos, ou partos de que a propria linguagem fica assombrada, e conseguiu amontuar volumes de escriptura ephemera, sem liquidar no fim de cada anno umas poucas paginas em que a alma se lhe delicie ao percorrel-as.

Resulta de tudo isto, que, pela influencia do espirito de imitação, a phalange dos campeadores da imprensa politica vae engrossando, á proporção que nos arraiaes litterarios, tantas tem sido as deserções, que se acham em lamentavel *minoria*, para nos servirmos tambem de um termo a la moda.

Todavia, não supponha ninguem que temos ahi um exercito de publicistas. Em boa hora se diga, que da tiorba politica andam as cordas espalhadas por quasi todos os tangedores. Se o tufão não tivesse dispersado as folhas da sybilla, póde ser que em cabeça de morgado nos andassem alguns livros mais para serem consultados. Mas a rajada foi violenta; julga cada um possuir a partitura, quando muitos mal deletreiam as notas de uma folha de acompanhamento. A desafinação ás vezes é espantosa; e o ouvido da opinião publica, em logar de se ir educando, contrahe de hora para hora uma atonía que se vae tornando chronica.

Outro symptoma da actual dissipação litteraria, é que os tropos e louçainhas, que essas pennas atrozmente desviadas da sua primeira destinação diffundem pelo discurso todos os dias, estão brigando muitas vezes com a natureza do assumpto, achando-se condemnados por uma fatalidade inexplicavel a supprir a vehemencia, a concisão, o apropriado dos termos e o technico da phrase. A economia enfeita-se com os botões de rosa do idyllio, cuidando seduzir assim mais a seu talante o positivismo do suffragio; as cifras de uma analyse financeira, saem á rua de capa e espada, como para uma quebra de escudos; a clamyde tragica d'uma figura de rhetorica vem descahindo pretenciosamente sobre uma theoria administrativa; o vulto de um funccionario dos mais somenos na hierarchia da governação do estado, sobe ao proscenio da publicidade caracterisado em homerica heroicidade que lhe fica a matar; finalmente, questiunculas liliputianas assumem proporções herculeas no jargão jornalistico d'estes nossos dias! É uma perfeita Babel, cujo glossario, nem mil Cruscas reunidas em mil annos de eruditissimas vigilias chegariam a coordenar.

No meio d'estas borrascas da palavra, e d'entre os quotidianos chuveiros de tinta preta, vêem-se fuzilar lampejos do mais puro atticismo. Podem raras vezes lobrigar-se por entre os nevoeiros d'uma polemica, em que a personalidade fez o primeiro papel, alguns perfis que fariam inveja ao lapis lavateriano; mas a epocha é mais abundante em Chans e Gavarnis, os estudos physionomicos são vasados mais vezes nos moldes implacaveis de Grandville e Philipon, que segundo as aspirações da verdadeira arte. O descuidoso tracejar da caricatura desvirtua a composição que principiára apenas satyrica. O gosto é menosprezado pelo interesse do momento, e as duas causas sacrificadas: a da apreciação moral do individuo, pelo exaggerado do retrato; a da arte, pela transparencia do fim e pela parcialidade do esboço.

Uma bella manhã madruga uma boa pagina de philosophia social, desbravada de digressões inuteis, alindada unicamente com a natural singeleza do objecto, persuasiva e eloquente mesmo á força de logica, que é a verdadeira eloquencia d'estes assumptos, e tanto mais apreciavel quanto mais raras vão sendo... Foi sol de outomno: turvam-se os ares; geme de novo o prelo sobre a mesma idéa no dia seguinte, fazem-se novas variações ao mesmo thema, e o pensamento sente-se tão acanhado no meio d'aquelle motim, como aconteceria a Bourdaloue ou Massillon, se os arrojassem de improviso para dentro de um baile de *pierrots*. A necessidade de escrever, necessidade que a si mesma se creou, foi a perpetradora de taes attentados contra o pobre do senso commum.

Como irrefragavel deducação da graphomania d'este tempo, veiu a inundação jornalistica invadir os mais pacificos tegurios. Citam-se hoje em Portugal as terras da provincia que não tem o seu, ou antes os seus periodicos.

A população, que ainda ha bem poucos annos vivia em santa paz, apenas perturbada de longe em longe por alguma intriguinha palreira de senhoras visinhas; o districto que só fallava em politica lá de tempos a tempos, quando a metropole lhe pedia os seus representantes, e que, se tinha alguma queixa a fazer valer perante os poderes publicos, só a vinha desafogar na imprensa da capital, para ser ouvida de quem cumpria attendel-a; foi a final mais uma vi-

ctima expiatoria da loquaz profusão dos neo-politicos.

O poeta provinciano que se inspirava em maio pelas matisadas alfombras do seu campanario, mandou vir algumas arrobas de typo velho e um prelo estatado, poz banca de redactor, trocou a musa innocente por um impressor e dois typographos, e em breves audiencias eil-os a semear às mãos cheias as mais cerebrinas explosões sociaes, com o prurido febricitante de quem se considera pela primeira vez na sua vida o orgão da opinião da sua terra. A mina d'onde exhauriu tanto saber, acha-se exgotada, até que da capital receba mais publicações francezas, d'onde extraia quantas utopias se escrevem n'aquelle abençoado paiz, para maior gloria dos editores, a fim de as enxertar no torrãosinho que o viu nascer. Uns o admiram; invejam-no outros. D'aqui as intrigas locaes. Hoje, para encher uma columna, censura-se um funccionario; ámanhã justifica-se o aggredido, invocando a lei; para a semana que vem, acha-se a barricada periodica reforçada por dois ou tres collaboradores officiosamente anonymos. O jornal provinciano desfez-se em remmessas gratuitas para todos os recintos do territorio onde se imprimem gazetas. No fim do mez acceitaram todas a troca, desde as mais graúdas até ás microscopicas.

Que fará o ex-poeta de tanta sabedoria empapelada? Nova idéa tão luminosa como a primeira: abre um gabinete de leitura para os seus assignantes. Eis a cidade honestamente burgueza, a terra despretenciosa, convertida para logo em conclave de politicos. Lê-se tudo desde o titulo ate ao ultimo annuncio. Os ministros são conhecidos pelas alcunhas que n'um accesso de amabilidade cortezã se dignaram dispensar-lhes as redacções urbanas. A discussão caseira engolphou-se em conjecturas hybridas. O argueiro, de que na côrte até os compositores do jornal se riam, tornou-se na provincia em cavalleiro sanhudo, de que até os mais sensatos estremecem. Dividem-se as opiniões; fecham-se ás aves-marias os classicos parlatorios onde se debatiam as innocentes tricas do gamão. É preciso fundar outro periodico. Funda-se. Eil-os em campo. E tudo isto, que é rediculamente comico, estabeleceu d'um dia para o outro a mais desenxabida e fatal côrte na aldeia de que ha memoria.

O poeta fez-se candidato. Mallogrado pela urna, fez-se o Quixote da terra.

Em poucas linhas mostraremos o reverso da medalha. Vimos até aqui a invasão da litteratura na politica, e o crescer da maré alagando o paiz até aos mais invejaveis retiros com que a vida provinciana se avantajava á azafama da capital.

Como de tres milhões de habitantes não é possivel fazer tres milhões de escrevedores, e a litteratura é ainda uma palavra, posto que já quasi ôca de todo pela falsa interpretação que se lhe vae dando, é necessario que haja quem cultive as letras; mas commodamente, sem mudar de penna, nem de tinteiro, nem de secretária, nem de disposição mental..... nem de papel.

Dito e feito. Octave Feuillet dizem que inventára o *feuilleton:* inventemos nós o folhetim. Até sôa melhor. É mais phonico. De primeiro cultivava-se aqui o folhetim com certo amor; sabia a francez, mas tinha muita originalidade ás vezes; e citariamos nomes se não tivessemos feito firme proposito de não inserir agora um nome sequer. Ha por aqui muita verdade nua e crua, e, das duas uma: ou fariamos catalogo alphabetico de todos aquelles a quem, mais ou menos, esta apreciação geral póde dizer respeito, ou sumiriamos por nós, muito de industria, até os nomes que mais vezes nos tem andado a saltar dos bicos da penna.

Optâmos por isto, e se o não tivessemos feito, hariamos agora occasião de citar alguns escriptores portuguezes que se estrearam brilhantemente no genero exotico, o folhetim.

Mas aquella certa bafagem ambiciosa, de que ha pouco fallámos, mirrou-lhes as pennas que tão descuidosamente elegantes voavam á superficie dos seus graciosos assumptos, sem jámais os cançarem. A ultima volata com que a *prima donna* predilecta fascinára na vespera os seus adoradores, ainda ia no dia seguinte deliciar os ouvidos dos *dilettanti*, traduzida n'um periodo magnifico de candura artistica. As fórmas voluptuosas da Terpsichore peregrina, que hontem adejára triumphante sobre alcatifas de flores e grinaldas, viam-se hoje percorrer phantasiosas, como o sonho d'uma noite de estio, entre os periodos suavemente maliciosos do espirituoso folhetinista.

O genero parecia aclimado entre nós. Outra illusão perdida A inverneira da politica enregelou os dedos que tão ligeiros corriam aquelles teclados. Os que vieram depois dos primeiros, já os havia mordido a tarantula. Discursaram no folhetim sobre uma pirueta, como os seus collegas do artigo do fundo sobre uma operação financeira. Fallavam-nos do *spartito* com a gravidade parlamentar d'um ministro interpellado. Não commemoravam um acontecimento lyrico ou dramatico, sem nos fallarem do emprezario, dos defficits, dos desperdicios, e da subvenção do governo.

De critica litteraria, antes e depois, quantas vezes se lhe não póde applicar o que o chistoso Reybaud nos conta do primeiro jornal redigido por Jeronimo Paturot? «*Saint-Ernest fit un article sur Valmont, Valmont fit un article sur Saint-Ernest!*»

Apesar de tudo, a critica veiu a fazer-se rabugenta como um artigo de polemica. Tanto póde a má visinhança!

As folhas litterarias foram-se apoquentando como a lagarta que scisma na côr de que ha de matizar as azas quando for borboleta. A maior parte d'ellas ficaram em crisalida; os dias bons vieram, mas as borboletas não sairam.

Em troca tivemos uma sazão e bem proxima de gafanhotos e cigarras litterarias.

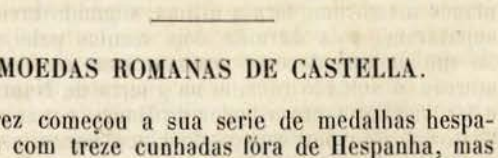
Os jornáes gafanhotos pullulavam d'entre o matagal bravio dos gallicismos, dando a sua ferroada quando podiam,

O folhetim *fixou-se,* como dizem os entomologistas, e fez-se o que hoje é: a politica applicada á arte; a bagatella de bastidor melodramisada pelas inspirações do andar de cima.

LUIZ FILIPPE LEITE.

MOEDAS ROMANAS DE CASTELLA.

Florez começou a sua serie de medalhas hespanholas com treze cunhadas fóra de Hespanha, mas que a ella se referem pela legenda e attributos. Com effeito nos monetarios ha muitas d'ellas cunhadas pela familia Postamia, que representam a Hespanha em figura de uma mulher com veo e cabellos soltos;



Æ   AR

por Galba, que perpetuou em muitos monumentos o nome e symbolo d'esta nação; por Adriano, que

fez representar a sua patria na figura de uma formosa matrona recostada nos montes Pyreneos com um coelho aos pés, primitivo symbolo de Hespanha, e um ramo de oliveira, alludindo á abundancia d'este fru-



cto; por Pompeu Magno, representando a sua entrada na Hespanha, recebido por uma matrona com armas curtas, peculiares d'este paiz. N'outras medalhas em fim se põe por typo de Hespanha o formoso e brioso cavallo da Betica, ou as armas curtas de



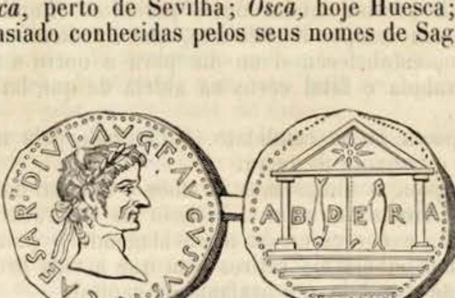


que, por sua boa qualidade, sempre tem sido famosos os hespanhoes, armas que alludem ao caracter marcial e bellicoso dos naturaes d'este paiz, entre os quaes se distinguiam antigamente os gallegos, de quem diz Silio Italico, que á imitação dos celtiberos, só haviam como honra morrer em campanha, não tendo outra delicia nem outro emprego senão as armas, de fórma que quanto não era marcial pertencia ás mulheres, que se empregavam nos trabalhos do campo, arando e semeando, para que os homens se exercitassem livremente em tudo o que era peculiar á guerra. Floro, fallando de Hespanha, chama-lhe a guerreira, a batalhadora, a illustre em armas e soldados, a mestra de Annibal, que havendo sido a primeira provincia do continente que os romanos invadiram, fôra a ultima, segundo Livio, que sujeitaram, pois durante dois seculos peleijou pela sua independencia; acabou com os Scipiões: aterrou o soldado romano na guerra de Numancia; e fez vacillar tanto o poder de Roma, em tempo de Sertorio, que por espaço de cinco annos, segundo nota Veleyo, não pôde dizer-se quem tinha mais força, se os hespanhoes, se os romanos, tendo de mais a mais Roma muita parte da Hespanha a seu favor; pois que, se os hespanhoes houvessem estado unidos, como diz Florez, referindo-se a Strabão e a Floro, nenhuma potencia podéra nem sequer imaginar a sua conquista, cousa impossivel em todos os tempos, sempre que seus filhos se unem para resistir a um inimigo commum.

No tempo da dominação dos romanos na Hespanha, cunharam-se n'ella moedas até ao imperio de Caligula, que lhe tirou este direito, enviando-lhe moeda de Roma. A maior remessa que se lhe fez, foi no reinado seguinte de Claudio, pelo que as medalhas com o seu busto são tão abundantes, que em Hespanha facilmente se reune porção sufficiente para fundir um sino, ou uma caldeira. As moedas romanas hespanholas dividem-se em moedas do municipio e moedas da colonia, como se lê nas proprias legendas. A colonia compunha-se d'uma legião romana, que fundava ou augmentava uma povoação; o municipio era um povo antigo, que se governava por suas leis particulares, por convenio feito com o conquistador. O visinho da colonia podia votar em Roma: o do municipio não, sem ter recebido a honra de cidadão romano com voto. Os municipios eram livres nos actos governativos, com o direito de cunhar por si moeda, ao passo que as colonias tinham que impetrar esta graça do senado romano. As colonias romanas na Hespanha foram dezeseis, distinguindo-se entre ellas, pelas suas boas fabricas de moeda, a de *Acci*, hoje Guadis, na provincia tarragonense; a de *Caesar Augusta*, hoje Saragoça; a de *Dertosa* ou Tortosa, ambas na mesma provincia; assim como a de *Tarrago*, hoje Tarragona; a de Valencia; a de *Emerita*, hoje Merida, na provincia lusitana; e tambem na Betica, *Romula*, hoje Sevilha, e *Patricia*, hoje Cordova. Cincoenta e nove foram, segundo Florez, os municipios ou povos hespanhoes, que tiveram privilegio de cunhar moeda, distinguindo-se en-



tre elles *Adera*, hoje Adra, na provincia de Granada; *Anticaria*, hoje Antequera; *Calaguris*, hoje Calahorra; *Carmo*, hoje Carmona; *Gades*, hoje Cadiz; *Italica*, perto de Sevilha; *Osca*, hoje Huesca; e as demasiado conhecidas pelos seus nomes de Sagunto,



Segovia, Toledo, etc. Como estas moedas levam todas o nome da cidade em que foram cunhadas, tambem lhes chamam antonomas e geographicas. Por ellas podem estudar-se, não só muitos dos costumes romanos adoptados pelos hespanhoes, que os seus typos representam, mas tambem conhecer-se a situação que tinham, e as producções de que mais abundava a sua comarca, pois que, assim como seus templos e altares, tudo representavam no reverso das moedas, sendo prova d'isto que *Acinipo*, que era paiz mui abundante em vides, punha como brasão seu um cacho de uvas; e *Callet Carmo*, e *Ceret*, que abundavam em grãos, punham duas espigas no reverso, aos lados do seu nome; assim como Cadiz, Adera, e os demais povos maritimos punham delfins, ou outra especie de peixes. O fabrico d'estas moedas era pelo estilo das cunhadas em Roma n'aquella epocha, ainda que de menos gosto e perfeição, e de muito menos relevo.

Lisboa — Typographia de Castro & Irmão, Rua da Boa-Vista 4 B